

A paráfrase na universidade: a responsabilidade de discentes em diálogo com a palavra do outro

Paraphrase in the university: the responsibility of discents in dialogue with the word of the other

**Dante de Lima Fernandes¹
Sulemi Fabiano-Campos²**

RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar as produções parafrásticas encontradas em trabalhos acadêmicos. O diálogo com a palavra do outro para produção de conhecimento é a base de todo processo de escrita acadêmica e espera-se que o exercício da paráfrase seja feito de modo bastante cauteloso, a fim de manter o que já foi dito no texto fonte de forma verossímil e, sobretudo, de, a partir dele, construir-se um novo conhecimento, seja a partir da concordância ou da discordância com a paráfrase citada. Nesta perspectiva, é feita uma análise das citações indiretas produzidas por graduandos e mestrandos, a partir da comparação entre os textos fonte e as paráfrases realizadas através deles. O corpus do trabalho é composto, portanto, por trechos dois trabalhos de conclusão de curso e de uma dissertação de mestrado retiradas do repositório da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que apresentam paráfrases, bem como seus respectivos textos fonte. Respaldoando-se nas obras de Fuchs (1985), Barbosa; Fabiano-Campos (2015) e Fabiano-Campos (2017), o estudo busca apontar a existência de equívocos interpretativos e distorções nas paráfrases realizada pelos acadêmicos. Nota-se a importância da apreensão e interpretação do conhecimento por parte dos pesquisadores com relação aos textos fonte no processo de paráfrase.

Palavras-chave: Análise; Escrita; Paráfrase.

ABSTRACT

The work aims to analyze the paraphrastic productions found in academic works. The dialogue with the word of the other to produce knowledge is the basis of the entire academic writing process and it is expected that the exercise of the paraphrase is done in a very cautious way, in order to maintain what has already been said in the source text of a credible way and, above all, to build new knowledge from it, whether from agreement or disagreement with the aforementioned paraphrase. In this perspective, an analysis is made of the indirect citations produced by undergraduate and master students, based on the comparison between the source texts and the paraphrases made through them. The corpus of the work is therefore composed of two excerpts from the conclusion of the course and a master's thesis taken from the repository of the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN), which contain paraphrases, as well as their respective source texts. Supporting the works of Fuchs (1985), Barbosa; Fabiano-Campos (2015) and Fabiano-Campos (2017), the study seeks to point out the existence of interpretative mistakes and distortions in the paraphrases carried out by academics. It is noted the importance of the apprehension and interpretation of knowledge on the part of the researchers in relation to the source texts in the paraphrase process.

Keywords: Analysis; Writting; Paraphrase.

ISSN: 2359-1064

¹ Graduando de Letras – Língua Portuguesa (UFRN), Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/UFRN) e Integrante do Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso – GETED (UFRN). E-mail: dante.fernandes.087@ufrn.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1864-0319>

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP). Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPgEL) e do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), unidade de Natal-RN. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso – GETED (UFRN). E-mail: sulemifabiano@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7212-0621>

FERNANDES, D. L.; CAMPOS, S. F.

Introdução

A produção da palavra própria a partir de textos acadêmico científicos é um grande desafio enfrentado pelos estudantes universitários. Muitos alunos, ao adentrarem no espaço universitário e se depararem com textos científicos, apresentam dificuldades no exercício da leitura, compreensão e elaboração da paráfrase, pois estão engessados na percepção de reprodução e não em uma produção singular, própria, na sua escrita. Nota-se, portanto, a complexidade de construção de uma leitura individual, interpretação e diálogo com a palavra do outro.

Partindo do encaminhamento de leituras realizadas durante o semestre suplementar 2020.5 na disciplina de Leitura e Produção de Texto Acadêmico I da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que abordam, primordialmente, a escrita científica dos alunos e os seus comportamentos linguísticos perante os gêneros abordados na academia, o presente trabalho parte de trechos parafraseados presentes em três trabalhos acadêmicos para analisar as paráfrases produzidas por esses pesquisadores.

Segundo Barbosa e Fabiano-Campos (2015), no diálogo entre a palavra do outro e a palavra própria na universidade, alunos enfrentam dificuldades na apropriação e produção de um novo conhecimento, para além da mera interpretação do texto:

No processo de absorção do que se lê, a análise indica que alunos cometem equívocos e deturpações ao fazerem uso de sinônimos que, para eles, podem substituir o que é dito pelo autor no texto-fonte sem perda de sentido, quando na verdade estão distorcendo a palavra do outro. Além do uso inadequado de sinônimos, há também uma seleção de pequenas informações por eles escolhidas a fim de encurtar o que é dito pelo autor. De tal modo, perde-se o que o texto-fonte está dizendo, podendo deixar de lado a ideia central defendida pelo pesquisador.

BARBOSA, Marinalva Vieira; FABIANO-CAMPOS, Sulemi. **A difícil arte de dialogar com a palavra do outro para produzir palavra própria.** Interdisciplinar, Itabaiana/se, v. 20, p. 35-46, 2015.

ISSN: 2359-1064

De acordo com o trecho, os principais entraves na produção parafrástica por parte dos alunos se dão no uso equivocado de sinônimos que acabam comprometendo a ideia central posta no texto primeiro. Além disso, a omissão de parte da ideia do autor, ou o



FERNANDES, D. L.; CAMPOS, S. F.

corte proposital de parte da ideia original, a fim de encurtar o texto da obra original também acaba por prejudicar a parafraseagem dos alunos.

A partir dessa perspectiva da paráfrase não apenas como um processo sinonímico, ou de mera repetição da ideia original encontrada no texto fonte, faz-se necessário teorizar sobre o significado a paráfrase, a fim de se estabelecer um ponto de partida para a análise do *corpus*.

1. Paráfrase – Uma breve conceituação

Para análise mais profunda do conceito de paráfrase, um texto bastante respaldado é *A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação?*, de Catherine Fuchs e tradução de João Wanderley Geraldi, que aborda as divergências em torno do conceito de paráfrase. Fuchs (1985) explica o fenômeno da paráfrase a partir de três perspectivas históricas da linguística contemporânea: equivalência, pelo viés lógico, sinonímia, pelo viés gramatical e reformulação, pelo viés retórico.

A equivalência possui relação com o "valor verdade" de duas ou mais afirmações; no entanto, tal abordagem, segundo Fuchs (1985), pode conter limites e empecilhos, no que se remete à especificidade do sentido. Ainda assim, a lógica é resgatada para admitir uma ideia fundamental sobre a paráfrase: há equivalência formal quando ocorre o compartilhamento de um significado comum.

Ao passo que uma aproximação "estritamente sintática" se satisfaz com a noção de uma "identidade de sentido", as abordagens semânticas (sinonímicas) se preocupam com a qualificação do plano do significado. Segundo Fuchs (1985, p. 131), "os clássicos definiam a sinonímia lexical em termos e identidade de 'ideia principal' e de diferenças de 'ideias acessórias'". A sinonímia consiste, portanto, na busca pela melhor forma de substituição entre as ideias do texto fonte e o texto parafraseado, aproximando-os ao máximo de uma unidade de sentido.

A autora ainda aproxima as ideias de reformulação na paráfrase com o processo de tradução intralinguística. A comparação se dá a partir de um viés retórico, já que na tradução e na paráfrase há um compromisso entre o enunciador e o entendimento dos interlocutores, bem como com a manutenção de sentido do texto parafraseado.

Ainda sobre a paráfrase, Fuchs (1982) afirma:

FERNANDES, D. L.; CAMPOS, S. F.

Conseqüentemente, a paráfrase não poderá, de modo algum, ser encerrada quer no sistema da língua (as relações de paráfrase não constituem uma propriedade intrínseca dos pares de seqüências, inscrita de modo estável na língua, tornando o objeto homoganeamente consensual entre os sujeitos), quer na variabilidade infinita dos fatos de discurso e das determinações extralinguísticas (a cada um cabe sua interpretação e suas relações de paráfrase): a paráfrase é um fenômeno linguajero (quer dizer, uma atividade de linguagem empreendida pelos sujeitos nas situações de discurso dadas) que não é senão parcialmente linguístico (isto é, apoiando-se nas relações complexas da língua, que contribuem para um julgamento de paráfrase, sem, todavia, determiná-lo de modo absoluto).

FUCHS, C. *La paraphrase*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

À luz desse trecho, é imprescindível entender a paráfrase não apenas como um processo linguístico, nem na sua infinidade de fatos discursivos e determinações extralinguísticas, já que cada receptor de determinado discurso possui a sua interpretação e, conseqüentemente, suas relações parafrásticas. A paráfrase, para Fuchs (1982), um fenômeno da comunicação utilizado pelos sujeitos nas situações discursivas que é parcialmente linguístico, isto é, parte das relações linguísticas de lógica, sinonímia e retórica, apesar de não ser definida absolutamente por elas.

2. Escrita acadêmica – Um olhar perante a produção da palavra própria

Com o intuito de analisar se as paráfrases são produtivas, isto é, se produzem um novo conhecimento, ou se apenas repetem o que foi dito anteriormente por outras vozes, não contribuindo, portanto, a produção científica, tomou-se como base o artigo *A paráfrase como ponto de estagnação na escrita acadêmica* (FABIANO-CAMPOS, 2017).

Segundo o texto, que analisa a produção de paráfrases em textos monográficos de alunos concluintes do curso de graduação em Letras de uma dada universidade pública:

É perceptível na escrita dos alunos uma ausência de apropriação do conhecimento, conhecimento este que aparece somente no aspecto formal do texto, ou seja, na incorporação de termos específicos de áreas.
FABIANO-CAMPOS, S. F. **A paráfrase como ponto de estagnação na escrita acadêmica**. Revista do GELNE, v. 16, n. 1/2, p. 149-166, 16 mar. 2017.

FERNANDES, D. L.; CAMPOS, S. F.

Dessa forma, apenas o exercício de aprendizagem da escrita não se mostra suficiente para uma boa produção parafrástica, visto que a paráfrase tem o objetivo de ancorar a elaboração de um novo conhecimento.

O trabalho com a palavra do outro: análises parafrásticas

Esta seção tem como objetivo analisar as produções parafrásticas encontradas em trabalhos acadêmicos. Com base nos estudos sobre paráfrase, por Fuchs (1985), foram comparadas as diferenças entre os textos fonte e textos que os referenciam, com vista a analisar possíveis equívocos cometidos na utilização de sinônimos, ou na distorção de ideias cometida pelo autor do texto no momento de apontar o que foi dito, pensado e estudado pelo teórico.

Visando manter o anonimato dos pesquisadores, as paráfrases serão intituladas P1, P2 e P3. A seguir, a primeira paráfrase:

Quadro 1 – Primeira análise parafrástica

SEGMENTO DO TEXTO FONTE	PARÁFRASE 1 (P1)
“Rumelhart (1980:33) mostra-se cauteloso em considerar estes termos sinônimos, embora reconheça que eles sejam interrelacionados. O motivo da cautela é, segundo o autor, o fato de que diferentes autores têm coisas diferentes em mente quando usam cada um desses termos”.	“No entanto, Rumelhart (1980 apud MACHADO, 2005) assevera que, embora as denominações sejam usadas como sinônimos por estarem inter-relacionadas, os autores têm aspectos diferentes em mente quando usam cada termo”.

Fonte: Autoria própria (2021). Grifo nosso.

Tomando-se como base o texto de Fuchs (1985), pode-se notar uma escolha sinonímica feita pelo autor da paráfrase em “**assevera que**”, visto que, no texto fonte, o autor utiliza a expressão “**mostra-se cauteloso**”, que, de acordo com o dicionário Michaelis (1998) significa “proceder com cautela, cuidado, prudência”. Em contrapartida, a dissertação usa o termo “assevera”, que significa “afirmar algo com segurança, assegurar, afirmar”.

Além disso, “**considerar**” é substituído por “**sejam usadas**”, ou seja, a voz do autor foi suprimida e substituída por uma afirmativa que não está presente no texto fonte. A omissão do termo “considerar”, que denota uma certa dúvida, já que trata apenas como

FERNANDES, D. L.; CAMPOS, S. F.

hipótese, pode ter sido feita para dar mais segurança à ideia defendida pelo autor da paráfrase, já que “sejam usadas” dá mais certeza à afirmativa.

Outra questão é o verbo “**ser**”, que dá uma ideia de existência e constituição, estabilidade, ser substituído por “**estar**”, que dá uma noção completamente diferente, de mais instabilidade e passível de mudança. Nesse caso, o autor da paráfrase escolhe por tornar a afirmativa mais incerta, já que substitui a certeza do que é pelo que apenas está sendo, num movimento contrário ao caso de “considerar” e “sejam usadas”.

Adiante, analisa-se o significado geral: enquanto o texto fonte afirma que Rumelhart tem cautela em considerar os termos como sinônimos, apesar de reconhecer que eles sejam inter-relacionados, isto é, apresenta uma ideia de concessão, a dissertação afirma que essas denominações são usadas como sinônimos por serem inter-relacionadas, gerando uma ideia de causa e consequência.

Sendo assim, os autores possuem aspectos diferentes em mente ao usarem cada termo, produzindo uma ideia geral de oposição entre a paráfrase e o texto fonte. Nota-se, portanto, que esse processo de tradução intralinguística proposto por Fuchs (1985), que seria justamente prezar pela manutenção das ideias principais do texto fonte, do ponto de vista semântico, sintático e retórico, não foi bem realizado, já que ocorreu uma mudança das ideias principais defendidas no texto fonte, tanto em relação ao viés semântico, pelos diferentes significados às palavras substituídas, quanto ao viés lógico, pela ausência de um significado comum entre os trechos.

Em seguida, a segunda abordagem:

Quadro 2 – Segunda análise parafrástica

SEGMENTO DO TEXTO FONTE	PARÁFRASE 2 (P2)
“8.1 O 1º passo da pesquisa deve ser o recurso a uma abordagem tradicional do fenômeno. Como a doutrina tradicional é muito mais acessível, em termos materiais mesmo (gramáticas normativas, livros didáticos, dicionários, apostilas etc.), do que as teorias científicas mais sofisticadas, podemos partir dela para empreender uma teorização/investigação nova do fato estudado. Isso por si só já garantiria um lugar para os compêndios gramaticais na escola. O importante é que seja um lugar de revisão, de crítica e de reformulação teórica, e não de	“Para Bagno, (2002, p. 61) podemos partir da gramática, pois é uma ferramenta tradicional e acessível para depois empreender uma nova teorização e investigação do fato estudado. Conforme Bagno, as aulas de língua materna devem revisar, criticar e reformular teorias e não perpetuar doutrinas sem questioná-las”.

FERNANDES, D. L.; CAMPOS, S. F.

tentativa de perpetuar a doutrina tradicional. Essa abordagem tradicional pode ser recolhida numa gramática normativa, num livro didático, num manual de redação de empresa jornalística, numa coluna de jornal ou revista sobre 'língua certa' etc. É interessante que a abordagem normativo-prescritiva seja recolhida em mais de uma fonte, para que fique claro que mesmo entre os seguidores da doutrina tradicional existem divergências de análise e de interpretação dos fenômenos gramaticais, o que pode contribuir para dissipar a ideia de que existe unanimidade entre os gramáticos quanto à distribuição dos rótulos de 'certo' e de 'errado'".

Fonte: Autoria própria (2021). Grifo nosso.

Analisando as partes do texto acima, nota-se que quando Bagno afirma que a doutrina tradicional é mais acessível que as teorias científicas sofisticadas, ele não cita apenas a gramática como exemplo desse material, mas também livros didáticos, apostilas e dicionários, diversificando, assim, os meios tradicionais mais recorrentes ao estudo de uma língua. Por outro lado, a pesquisadora, ao citar as ferramentas, se restringe ao uso da gramática normativa como sendo o material unicamente acessível durante esse processo, além de não explicitar o porquê que essa afirmação ocorre segundo Bagno, isto é, se torna uma ferramenta mais acessível comparada ao quê? Neste caso, comparada às teorias científicas mais sofisticadas, que podem exigir do interlocutor um conhecimento mais técnico.

Ainda nesse trecho, Marcos Bagno afirma “**podemos partir dela para empreender**”, que é interpretado e reescrito na paráfrase como “**para depois empreender**”. O advérbio de tempo “depois” usado na P2 nos passa a ideia de que há um intervalo entre compreender a ferramenta, para que, assim, se possa assimilar a teorização e a investigação do fato estudado, criando dois momentos na construção desse conhecimento. No entanto, Bagno usa em sua fala que é a partir dessa ferramenta que se empreende, isto é, tem como base esse material e a compreensão acontece de forma imediata, descartando uma possível noção de intervalo. A partir das ideias de Fuchs (1985), nota-se que nesse trecho a paráfrase viola o viés gramatical do texto fonte, visto que a escolha lexical feita na paráfrase não se aproxima de uma unidade de ideias com o que é dito por Bagno (2002).

FERNANDES, D. L.; CAMPOS, S. F.

No mesmo parágrafo, o autor do livro fala sobre o ambiente escolar e como este deve ser visto como um lugar de revisão, crítica e reformulação teórica, porém o que é compreendido na P2 se refere ao ensino da língua materna e não à escola como um todo, ou seja, mais uma vez limita-se e se diminui o que seria um amplo campo de estudo.

Além disso, quando o autor em seu texto fundamenta a importância desse ambiente escolar para que não se perpetue uma doutrina tradicional, mas que seja um lugar de revisão e reformulação, como já citado acima. A paráfrase alega que essa revisão e reformulação devem acontecer a fim de não se propagar uma doutrina sem questioná-la, ou seja, a doutrina, segundo P2, precisa existir, mas com um certo questionamento prévio antes de reconhecê-la como tal, o que vai contra o encontro do ponto de vista adotado por Marcos Bagno, o qual defende com total clareza que a doutrina não deve existir.

Por fim, o restante do parágrafo do livro de Bagno não é citado na paráfrase, a qual se vale de apenas quatro linhas, enxugando a temática por ele trabalhada. Em consonância a Fuchs (1985), nota-se que os trechos acima violam o viés lógico do texto fonte, visto que não há compartilhamento comum das ideias do texto fonte.

Outro fator importante a ser analisado é como as paráfrases são aproveitadas, isto é, se elas realmente são bem utilizadas, com o objetivo de enriquecer uma nova ideia, ou apenas usadas para escorar conceitos já estabelecidos, não contribuindo, dessa forma, ao crescimento da ciência.

Segundo Fabiano-Campos (2017), “[...] a escrita acadêmica não deve ser reduzida somente à utilização de paráfrase, ela precisa apresentar características explícitas de apropriação do conhecimento e ultrapassar a incorporação do discurso do ‘outro’”. A paráfrase acima não constrói a partir dele um novo conhecimento, ficando “à sombra” de um saber preexistente na comunidade científica.

Em seguida, a terceira abordagem:

Quadro 3 – Terceira análise parafrástica

SEGMENTO DO TEXTO FONTE	PARÁFRASE 3 (P3)
“Parece haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, a mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são	“Para Bagno (1999, p. 09) ‘O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa’. Esse preconceito reflete-se em variados contextos

FERNANDES, D. L.; CAMPOS, S. F.

<p>apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica. Infelizmente, porém, essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é 'certo' e o que é 'errado', sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos.</p> <p>O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie de "preconceito positivo", que também se afasta da realidade. Vamos examinar [...] algumas dessas afirmações falaciosas e ver em que medida elas são, na verdade, mitos e fantasias que qualquer análise mais rigorosa não demora a derrubar".</p>	<p>linguísticos, normalmente por falta de conhecimento e/ou interesse em quebrá-lo, o que causa segregação da língua e dos falantes dela. Para fazê-lo sucumbir, deve-se considerar a necessidade de se buscar o equilíbrio entre a educação recebida na escola e a educação advinda das relações e experiências da vida social.</p> <p>Sendo assim, no ensino escolar, deve-se ter muito cuidado para que a criança não apenas apr(e)enda uma série de conteúdos, pois isso pode fazer dela apenas mera reprodutora; é preciso saber estimular os aprendizes para que aprendam verdadeiramente. Para isso, é preciso, no que diz respeito ao fenômeno do qual tratamos, romper com preconceito linguístico que vem se perpetuando socialmente sem que haja um real combate e desconstrução dele (BAGNO, 1999, p. 13)".</p>
--	---

Fonte: Autoria própria (2021).

Inicialmente, enquanto, no texto base, Bagno (1999) afirma que parece haver um maior combate contra os diversos tipos de preconceitos, mas que essa tendência, infelizmente, não tem acometido o preconceito linguístico, ainda citando os vários meios que contribuem com e alimentam esse fenômeno, a paráfrase resume a citação do autor em seu trabalho acadêmico apenas ao combate desse tipo de preconceito no âmbito escolar, fazendo com que a criança não seja apenas uma mera reprodutora da série de conteúdos que lá assimila. A paráfrase releva outros vários meios (meio social em que se vive, seja pelos meios de comunicação como a televisão e o rádio, além dos instrumentos tradicionais como a gramática, livros didáticos, bem como revistas e jornais) que contribuiriam com o preconceito linguístico, de acordo com Bagno (1999).

Portanto, seguindo a teoria de Fuchs (1985), percebe-se que não se conseguiu realizar uma boa paráfrase em P3, visto que o processo de reformulação da ideia principal presente no texto fonte, de que o preconceito linguístico está presente e é alimentado pelas mídias sociais e até pela própria escola, se mostrou incompleto, a partir da omissão

FERNANDES, D. L.; CAMPOS, S. F.

de informações e do uso de generalizações em relação às ideias de Bagno (1999). Além disso, a longa citação da pesquisadora acaba por não dar a ela voz própria. A P3 é, portanto, uma tentativa de reelaboração de conhecimento a partir do discurso do outro, mas na qual há somente repetição de ideias, não se notando uma incorporação da autora para produção de um novo conhecimento.

Conclusões

Com base no procedimento realizado e nos trabalhos acadêmicos do *corpus*, nota-se a importância da apreensão e interpretação do conhecimento por parte dos pesquisadores com relação aos textos fonte no processo de paráfrase. Por isso, faz-se necessário uma atenção maior ao que está sendo escrito e reproduzido pelo outro, tanto ao uso semântico das palavras que parafraseiam o autor, quanto ao mundo das ideias ali abordado, pois é preciso, primeiramente, compreender o que o autor está dizendo para que, assim, se possa falar e repassar com tamanha verossimilhança quanto possível o mesmo raciocínio a partir do auto entendimento.

É notório que não existe uma paráfrase perfeita. Toda substituição gera perda do sentido completo e, como tradução intralinguística, o exercício da paráfrase não é diferente. Nesse sentido, a análise de produções científicas com o objetivo de investigar a qualidade das paráfrases faz-se importante, uma vez que a parafraseagem é a base para construção de um novo conhecimento, pois é uma forma de o aluno, que ainda não possui voz própria dentro do ambiente acadêmico, se utilizar das ideias já bem fincadas no solo teórico, a fim de, a partir delas, também plantar suas sementes e esperar delas o crescimento. Nesse sentido, Barbosa e Fabiano-Campos (2017) refletem que “para além de a paráfrase ser um momento do aprendizado da escrita, tem se tornado, cada vez mais, parte de uma cultura escrita própria do meio acadêmico”.

Uma boa reformulação do texto, com a manutenção do seu sentido geral e das ideias do autor exige, além de um trabalho sinonímico muito preciso, uma compreensão do que foi dito no texto base, visto que, para dizer com outras palavras o que o outro disse, primeiramente é preciso entendê-lo e, a partir daí, lançar as bases para a produção de um novo conhecimento. A paráfrase, portanto, não pode ser uma muleta para um



FERNANDES, D. L.; CAMPOS, S. F.

trabalho, e sim o impulso que uma nova ideia necessita para ser apresentada de maneira mais sólida.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M.V.; FABIANO-CAMPOS, S. **A difícil arte de dialogar com a palavra do outro para produzir palavra própria**. Interdisciplinar, Itabaiana/se, v. 20, p. 35-46, 2015.

FABIANO-CAMPOS, S. **A paráfrase como ponto de estagnação na escrita acadêmica**. Revista do GELNE, v. 16, n. 1/2, p. 149-166, 16 mar. 2017.

FUCHS, C. **A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação?** Tradução de João W. Geraldí. Cadernos de estudos linguísticos, Campinas: Editora da Unicamp, n. 8, p. 129-134, 1985.

FUCHS, C. **La paraphrase**. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

ISSN: 2359-1064

FERNANDES, D. L.; CAMPOS, S. F.

Como citar este artigo (ABNT)

FERNANDES, D. L.; CAMPOS, S. F. **A paráfrase na universidade: a responsabilidade de discentes em diálogo com a palavra do outro.** Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 8, n. 1, p. XXX-XXX, 2021. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

FERNANDES, D. L.; CAMPOS, S. F. **A paráfrase na universidade: a responsabilidade de discentes em diálogo com a palavra do outro.** Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Recebido em: 08/01/2021

Aprovado em: 21/06/2021

Publicado em: 01/07/2021

ISSN: 2359-1064

